

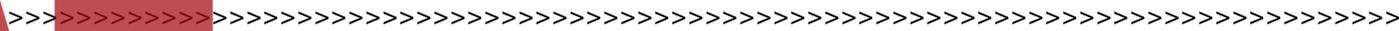




O SONHO AMERICANO

Para muitos brasileiros, emigrar para os Estados Unidos é um sonho que representa a possibilidade de uma vida melhor. Porém, quando de lá voltam e ensaiam ser empreendedores, a distância entre as duas culturas se revela muitas vezes intransponível

POR ANA CRISTINA BRAGA MARTES E MAURICIO C. SERAFIM



Emigrar é partir em busca de um sonho. E o mesmo sonho que motivou, até agora, a saída de quase 1 milhão de brasileiros para a “América” está sustentado na ideia de que a emigração é um investimento. No final de uma longa jornada, o retorno com os dólares economizados compensará anos de trabalho duro porque permitirá abrir o próprio negócio ou adquirir imóveis para aumentar os rendimentos. O retorno está sempre no horizonte de quem sai do Brasil, e é ele que justifica a partida.

Neste artigo, baseado em entrevistas com imigrantes brasileiros retornados, veremos, no entanto, que voltar com dinheiro não é tudo. A emigração proporcionou-lhes uma experiência de vida inestimável. Segundo os entrevistados, voltar mais amadurecidos, com “nova mentalidade”, mais “garra para lutar” pelo que se quer são fatores subjetivos que reafirmam a experiência migratória. O retorno, mesmo quando justificado pelos vínculos familiares, tende a ser celebrado como uma ascensão social, imediatamente reconhecida como fruto de um esforço individual.

As entrevistas foram realizadas em Poços de Caldas, em 2005, com um total de 20 retornados. O método de seleção foi o “snow ball”. Foi aplicado um questionário semi-estruturado, com foco no aprendizado proporcionado pela experiência migratória e as dificuldades enfrentadas no emprego e desenvolvimento das habilidades trazidas para o Brasil.

APRENDIZADO. Emigrar é um longo processo. Ele se inicia em torno de considerações que no início são vagas possibilidades e depois vão ganhando realidade. Então se segue um triste e excitante sentimento de partida, seguido pela expectativa de como será a vida nos Estados Unidos, uma estimativa de quanto será possível trazer ao retornar e como será reencontrar tudo aquilo que foi deixado para trás. Esse longo processo torna-se para os emigrados, ao longo do tempo, uma experiência intimamente ligada à ideia de aprendizado.

Parte desse processo é vivenciada como uma experiência solitária, uma vez que a maioria deixa o Brasil ainda jovem. Emigrar significa também aprender, numa dimensão mais específica do cotidiano da vida deles. Estar lá os “obriga” a

aprenderem a “se virar sozinhos”, sem contar com a família para tarefas do dia-a-dia, e a aprender a suprir o papel antes desempenhado por figuras familiares e domésticas tipicamente brasileiras, como a “mãezona” ou a empregada que faz tudo.

Conceber a emigração como experiência permite aos retornados aventurarem-se pelos caminhos do empreendedorismo, talvez uma marca da cultura americana neles impressa. A experiência reforça também o desejo do autoemprego. Mas aqui é preciso cautela, pois os conhecimentos específicos e necessários ao empreendedor para a abertura do próprio negócio devem confrontar-se com os riscos que são típicos do Brasil, e essa experiência não se adquire com a emigração. Grande parte dos que retornaram com esse propósito não foi bem sucedida: os negócios foram abertos e, em seguida, fechados.

REVALORIZAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA. A revalorização da própria cultura, o reconhecimento e o exercício de uma identidade nacional, marcaram as habilidades empreendedoras dos emigrantes que entrevistamos. Todos reconhecem que ter emigrado foi crucial para a valorização da própria sociedade brasileira. Questionados sobre o que trouxeram para o Brasil e o que os teria ajudado no atual trabalho, as respostas incidiram novamente sobre o tema aprendido. Esse aprendizado incidiu sobre a convivência diária com uma cultura diferente e que engloba: idioma; valores que orientam a conduta econômica, tais como força de vontade e agressividade nos negócios e revalorização do trabalho; revalorização da família.

“Desde cedo já tinha tudo premeditado. Como não tive pai, sempre soube que, se não fosse eu, não ia acontecer. Sempre tentei me espelhar nas pessoas que poderiam estar me ajudando, e a maior lição pra mim nos Estados Unidos foi trabalhar com os americanos, pois não tem brincadeira, entendeu? Não tem paciência, moleza: ou você faz ou você sai da frente porque tem alguém fazendo, e a única maneira de obter o resultado que você quer é lutando. Então, a melhor coisa que eu trouxe dos Estados Unidos foi essa mania de querer dominar, conquistar, fazer independentemente de quem está na frente... Podem falar o que quiser deles, mas eles são os primeiros, os mais fortes, mais ricos, e foi isso que eu obtive deles”.

